

O velho Meirelles morreu longe de casa e dos amigos

Nos seus 35 anos de trabalho, Francisco Meirelles aprendeu muito sobre a vida do índio brasileiro. Ele costumava dizer que o nosso índio é pacífico e muito alegre. Depois de civilizado, sente-se bem ao lado do homem branco e consegue contar todo mundo com a sua alegria e a sua ingenuidade. Mas de qualquer jeito, é sempre desconfiado. Chico achava que a sua missão mais difícil foi a pacificação dos índios Xavantes, em 45. Francisco Meirelles morreu ontem do coração num pronto socorro do Rio e é enterrado hoje às 10 horas no cemitério de São Francisco Xavier.

O velho Meirelles morreu longe da mata e dos índios

APOSENTAR-SE? NÃO, ELE AINDA QUERIA TRABALHAR MUITO PELOS ÍNDIOS.

Francisco Meirelles (O Velho) nasceu em Camaleira, Pernambuco, em 1908, e durante 35 anos — entre crises de malária e doenças do coração — viveu ao lado do índio brasileiro. Sua primeira missão importante foi em 1945, quando pacificou os Xavantes que habitavam a região do Rio das Mortes, em Mato Grosso. A tribo — que se recusava a aceitar qualquer contato com o branco — já havia matado o sertanista Pimentel Barbosa e um missionário salesiano, que entrou na aldeia levantando um crucifixo. Chico conseguiu a aproximação e até hoje é considerado como o chefe supremo da tribo.

Depois de pacificar os Xavantes e acabar com as batalhas que costumavam travar entre si, Chico atraiu e pacificou os Kaikapós, os Karipunas, os Pacas-Novas, os Gaviões, os Surui e os Cintas-Largas. Por causa desse trabalho, ele foi chamado de "o maior exterminador de índios do mundo" por Noel Nutels, que sempre defendeu a ideia de que o índio deve ser mantido em seu estado primitivo.

— E uma brincadeira um pouco sem graça que o Noel inventou mas eu gostava muito dele e ele de mim, costumava dizer Chico, sempre que alguém lhe lembrava o apelido. No começo de 1960, o sertanista começou o trabalho de atração dos Kranhacarores, suspenso por causa da extinção do Serviço de Proteção ao Índio. Em 1968, com o filho Apoena, atraiu os índios Cintas-Largas, conseguindo o contato pacífico em junho de 1969.

Francisco Meirelles foi o homem que estabeleceu, no Brasil, o maior número de contatos com os índios e pouco antes de morrer, dizia que "estava muito longe da vontade de se aposentar". Nos últimos meses, trabalhava como inspetor da Funai, coordenando as atividades do órgão na região amazônica.

Além de Apoena, Meirelles deixa os filhos Marlene e Mari (do primeiro casamento) e Lidice e Iná, do segundo. Ficam seis netos: o mais velho, Methedio José, tem seis anos.

Francisco era de uma família de 11 irmãos; sete estão mortos. A viúva, Abigail, é descendente de índios peruanos e costumava entrar com ele nas suas aventuras pela mata. Três filhos do casal nasceram na Amazônia: Lidice, Apoena e Iná.

Dois filhos — Apoena e Iná — procuram o mesmo caminho do pai, trabalhando com os índios. Apoena (24 anos) substitui Cláudio Villas Boas junto aos índios Kranhacarores, na rota Cuiabá-Santarém. Há menos de um mês, Iná embarcou para a frente dos índios Atoari, onde seu marido tenta um contato com o grupo, o mesmo que massacrava a expedição do padre Calleri e dois funcionários da Funai.

Chico ficou bastante preocupado com a ida da filha para a região, pois con-

— Quando a minha hora chegar, quero ser enterrado na mata, longe da cidade grande.

O desejo de Francisco Meirelles, anunciando durante uma entrevista, há poucos dias, em Brasília, não vai ser cumprido: o sertanista brasileiro, que morreu ontem às 17h55m no Pronto Socorro da Zona Sul, em Copacabana, por causa de um enfarte do miocárdio, é enterrado às 10 horas de hoje no cemitério de São Francisco Xavier, na Guanabara.

Seu corpo foi velado durante todo o dia de ontem, na capela do cemitério. Lá estavam seus parentes, amigos, funcionários da Funai e um grupo de índios. Entre os índios, o chavante Nicolau Serinoué, que não se afastou um só minuto do caixão. Triste, sem comer, o velho índio (desde pequeno ele conhecia Meirelles) tinha uma preocupação: "o destino da alma do amigo".

No domingo, depois do almoço, Meirelles conversou pelo telefone com seu filho Apoena Meirelles (24 anos) prometendo comparecer ao seu casamento. (Apoena estava em Cuiabá e deveria viajar para Brasília para se casar, dia 12, com uma estudante de antropologia, Denise Maldini).

Francisco Meirelles — que morreu aos 65 anos depois de viver 35 anos trabalhando pelo índio — viu, nos últimos dias de vida, crescerem as diferenças de opiniões entre ele e os irmãos Villas Boas na busca de novos caminhos para o índio brasileiro.

UMA ORDEM DO MÉDICO

Há alguns dias, Francisco Meirelles ("O Velho") chegou à Brasília, vindo de Belém, com uma ordem dos médicos para não acampar expedições e para não voltar a viver na mata. Mesmo assim, desde o dia 15, o pacificador dos Xavantes estava no Rio, preparando mais um trabalho: em julho deveria sobrevoar, com o presidente da Funai, a área da Perimetral Norte, para supervisionar o serviço de atração de índios na região. Deveria visitar também postos dos cintas-largas, em Rondônia, e o acampamento do filho, Apoena, que estava na Serra do Cachimbo, procurando contato com os índios.

Segundo os amigos, o sertanista parecia muito disposto, apesar da crise do coração, e do ataque de malária que sofrera há alguns meses. Na última quarta-feira, almoçou na Casa do Índio e tinha muitos encontros marcados para hoje. Entre outras pessoas, deveria ver o francês Jean Pierre Dutilleul, que queria filmar a área da Perimetral e o amigo Geril Vasconcelos, que está terminando um filme sobre o trabalho dos Meirelles — pai e filho —, chamado Os Discípulos de Rondon.

No final da semana, o sertanista começou a sentir-se um pouco indisposto e saiu de sua casa, em Campo Grande, para a casa de sua irmã Dulce, em Ipanema. Lá, no domingo, recebeu o telefonema



O sertanista Chico e seu filho, o sertanista Apoena.

siderava os índios Atoari muito perigosos.

— Se acontecer mais algum massacre na região — disse há pouco tempo — vou brigar porque acho um absurdo que usem um método de atração comum para aqueles índios.

— Além do pessoal normal deslocado para o posto indígena, acho que deveria existir uma equipe de segurança para garantir a vida dos sertanistas e do pessoal do posto, pois os Atoaris já aceitaram o contato muitas vezes e sempre se voltaram contra os brancos. De surpresa.

Apoena Meirelles, que nasceu numa aldeia de Xavantes, dirigiu, até o ano passado, o Parque Indígena do Aripuana, mas depois de muitas brigas com a Funai, por causa da invasão do Parque por garimpeiros e colonizadores, foi afastado.

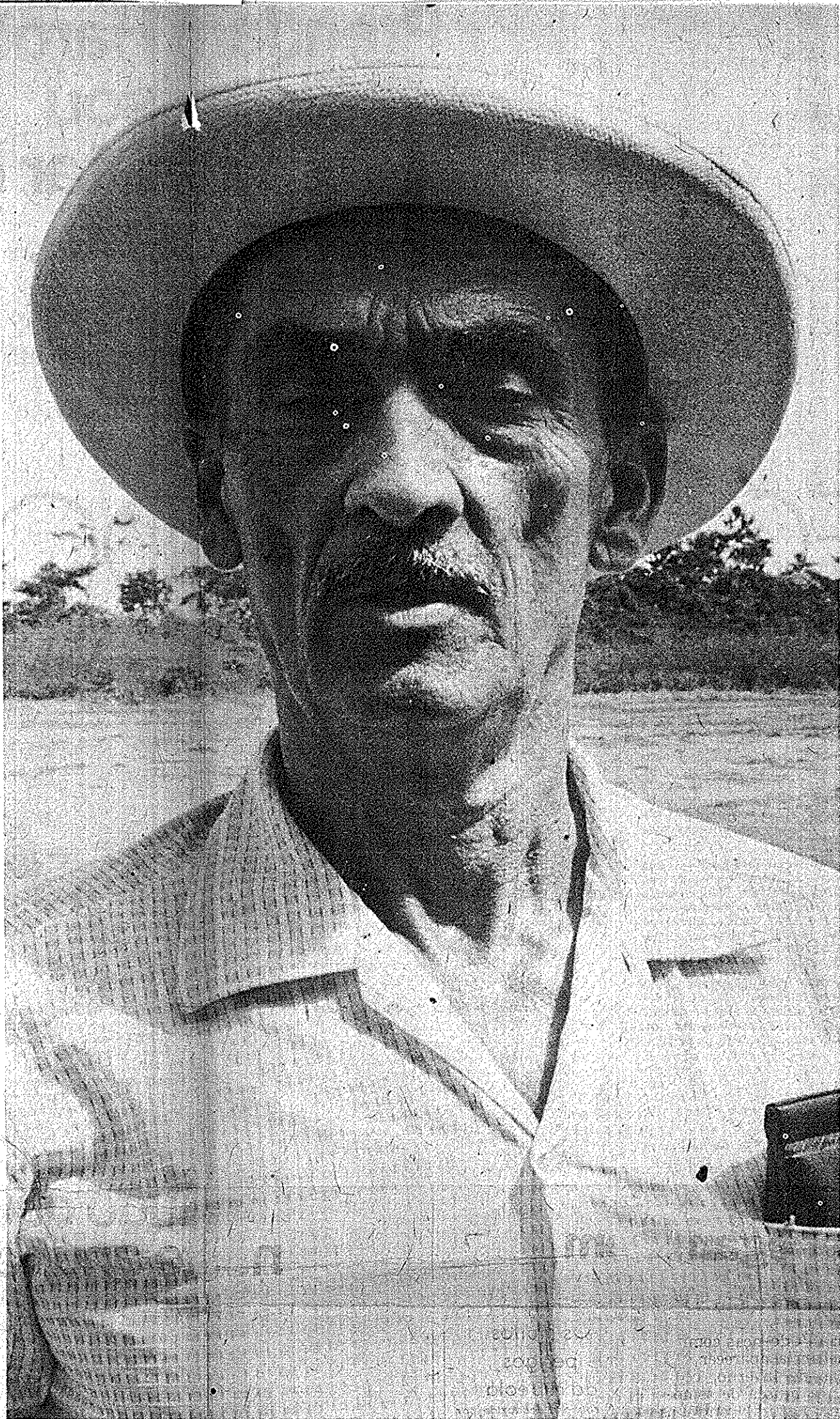
Agora, volta ao trabalho para substituir Cláudio Villas Boas no contato com os Kranhacarores.

No ano passado, quando mandou para a Funai um relatório sobre a invasão de terras no Aripuana, Apoena falava de seu relacionamento com o pai:

— Apesar das nossas discussões, nos queremos muito. A nossa amizade é franca e leal. Parecemos dois amigos quando brigamos. Sei que ele se aborrece comigo, mas no fundo sinto que fica contente ao ver minha firmeza, que nunca me deixa voltar atrás quando estou com a razão e que me leva sempre a apontar os seus erros.

NO TELEFONE. PELA ÚLTIMA VEZ.

Durante a conversa de domingo pelo telefone, Francisco Meirelles procurou



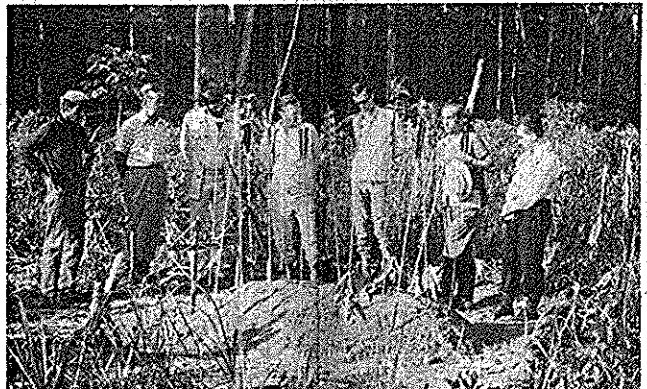
Francisco Meirelles: a luta acabou.

do filho, convidando-o para o casamento. Os dois conversaram durante longo tempo, com Francisco dizendo que estava muito satisfeito com o trabalho que Apoena vinha fazendo junto aos índios Kranhacarores.

A uma hora da madrugada de segunda-feira, Francisco Meirelles sentiu-se mal e foi levado para o Pronto Socorro, onde morreu pouco antes das 8 horas.

Às 8h15m, em Cuiabá, Apoena recebeu a notícia da morte do pai, passada por um funcionário da Funai. Surpreso, falando sempre no telefonema de domingo, Apoena se mostrava muito abalado:

— Não é possível que papai tenha morrido. Recuso-me a acreditar. Ele estava muito bem no domingo e conversou bastante comigo. Estava satisfeito com o meu casamento, pois dizia sempre que um homem precisa de uma companheira ao seu lado. Na segunda-feira, ele deveria viajar para Brasília, onde esperaria o meu casamento com Denise. Tudo isso é absurdo. É estúpido.



Na selva, Meirelles e os homens da Funai.

transmitir ao filho o seu entusiasmo pelo trabalho com os índios. Lembrou a Apoena as suas responsabilidades, confessando-se muito triste "por estar envolvido numa disputa ideológica com os Villas Boas e que a imprensa já teimava em ver como coisa de caráter pessoal". No fim, Meirelles disse que o mais importante era nunca esquecer o índio, "a única vítima a se lamentar em todo o processo".

Nos últimos anos, as diferenças entre Chico e os irmãos Villas Boas cresceram. O sertanista defendia a ideia de que a integração do índio era inevitável, "uma espécie de fatalidade contra a qual nada se pode fazer", como disse há pouco tempo a uma revista. Mesmo com as críticas que recebeu por pensar desse jeito, prin-

palmente por parte de Orlando Villas Boas, Francisco Meirelles sempre procurou mostrar que "seria muito pior deixar o índio entregue à sua própria sorte; na floresta, onde ele poderia sofrer as consequências brutais de um contato não controlado com as frentes pioneiras".

— Não podemos deferir o avanço de uma frente pioneira. Isso seria tentar brejar o que eles chamam de progresso. É necessário que o sertanista dê assistência ao índio, colocando-se na situação de elemento aminorado, principalmente no momento em que o primeiro contato das "frentes" com os índios possa vir a assumir características de violência".

Achava que o índio não deveria permanecer encerrado numa reserva ou parque, servindo apenas como objeto de estudo para pesquisa-

— Meu pai era um homem forte, continuava assim mesmo depois das duas últimas crises (coação e malária).

Mais tarde, já calmo, apenas conversou com seu substituto, o técnico Sidney Possuelo, orientando-o sobre as medidas de segurança para o acampamento do rio Peixoto. Viajou para o Rio ainda pela manhã, indo diretamente do aeroporto para o velório.

A notícia da morte de Francisco Meirelles foi transmitida oficialmente para Cuiabá pelo general Ismarth de Oliveira, presidente interino da Funai, que telefonou à 5ª. Delegacia Regional do Orgão. O subdelegado, tenente Sérgio Fernandes, passou logo a notícia ao filho de Meirelles.

A Funai, logo depois de receber a notícia, suspendeu o expediente em todas as delegacias regionais, em sinal de luto. Hoje, o capitão Warodi, filho de cacique Apoena (de quem Meirelles tirou o nome do filho), viajou para o Rio e presta, em nome de todos, a última homenagem ao sertanista.



No velório, um amigo: o chavante Nicolau.

dores e antropólogos, "assim como um animal raro preso numa redoma". Dizia respeitar muito o trabalho feito pelos Villas Boas, mas não concordava com a experiência do Parque do Xingu. Disse a um jornal carioca, há pouco tempo, que o trabalho no Xingu havia causado mais mal do que benefícios aos índios "pois contribuía para que o homem primitivo se alienasse por completo a uma realidade brutal que lhe era cada vez mais próxima".

Francisco Meirelles explicava que, em vez de se manter o índio isolado na reserva ou parque, era essencial que se garantisse o seu direito sobre a terra em que habita, ao mesmo em que lhe seriam ensinadas as técnicas para a sua sobrevivência. Em vez de brindes e presentes coloridos,

eles deveriam receber ferramentas para a agricultura.

OS VILLAS BOAS

Os irmãos Cláudio e Orlando Villas Boas — que conheceram Francisco Meirelles em 1945, durante a pacificação dos Xavantes — disseram ontem que com a morte do sertanista, o mais prejudicado é o índio brasileiro, que perde um de seus mais bravos defensores.

— Nosso consolo — explicaram — é que ele deixou para o seu filho Apoena — todas as qualidades de um verdadeiro sertanista.

Meirelles realizou muito. Fez muito pelo índio e, acima de tudo, amou o índio de maneira positiva, lutando por ele e defendendo-o em todos os sentidos. Não desaparece apenas o amigo, mas um grande defensor da causa indígena. A Funai perde um de seus grandes lutadores.

A SAÚDE DOS KRANHACARORES: UM TEMA DE DISCUSSÃO ENTRE APOENA E OS VILLAS BOAS.

Há um pequeno conflito entre Apoena Meirelles, filho de Francisco Meirelles, e os irmãos Orlando e Cláudio Villas Boas. Ele começou quando Apoena iniciou seu trabalho com os Kranhacarores.

Logo que os sertanistas Orlando e Cláudio deixaram os trabalhos de pacificação dos índios Kranhacarores, Apoena foi enviado para a região. Depois de seu primeiro contato com os índios, Apoena declarou que eles estavam muito doentes.

Em resposta, Orlando declarou a um jornal carioca, na semana passada, que estranhava o atual estado de saúde dos Kranhacarores, pois quando ele e Cláudio tinham saído de lá, os índios estavam bem.

Apoena ficou bastante ressentido com essas declarações. Afirmou que não admite, "venham de onde venham, críticas destrutivas, que a roda conduzem, uma vez que procuram tão somente ressaltar vaidades de natureza muito pessoal, completamente divorciadas da gravidade do atual problema indígena. Para Apoena, Orlando Villas Boas se precipitou ao insinuar que ele havia elevado a doença aos índios.

— Não seríamos nós que em apenas dois meses iríamos transmitir doenças aos índios pois sempre exigimos rigoroso exame médico de todos que foram deslocados para aquela frente. E se não tivéssemos ido até a aldeia, muitos daqueles índios já teriam morrido. Muitos deles tinham os braços gangrenados. Conseguimos aplicar-lhes antibióticos e fazer-lhes curativos deixando a área livre para que a FUNAI possa enviar ao local — como pretende — uma de suas equipes médicas para realizar um trabalho de assistência mais elaborado.

O sertanista lembrou que qualquer representante de um grupo indígena, quando em contato com o homem branco pela primeira vez, sempre se apresenta em ótimo estado de saúde.

— Orlando afirmou o óbvio. Mas não tem o direito de generalizar, em se tratando dos Kranhacarores, pois na verdade, não, manteve contato com mais de 30 daqueles índios. Dessa forma, o ilustre sertanista não deve tirar conclusões apressadas pois não foi até a aldeia e portanto não pode imaginar o que estava ocorrendo por lá. As doenças da pele que constatai — feridas purulentas — não foram levadas até lá por elementos civilizados. Os índios são essencialmente primitivos não tendo as mínimas noções de higiene. Tanto assim que observei que defecam e urinam dentro do terreno da aldeia. Vi ainda crianças com as barrigas bastante inchadas por causa da verminose: algumas comiam terra. Reparei que alguns guerreiros estavam com seus braços inflamados e feridos. Acredito que esses ferimentos tenham sido provocados por queda ou ainda pelo costume tão comum entre os Kaikapós de se duelarem a borduna, testando sua resistência e coragem através de golpes violentos desfechados sobre os braços.

Apoena Meirelles disse também que o momento ainda não é oportuno para que se coloque em discussão se o índio deve ser integrado ou não e afirmou que é muito mais urgente a criação de uma frente ampla formada por "sertanistas, antropólogos e por aqueles que se preocupam com a questão indígena brasileira, a fim de que sejam garantidas efetivamente a posse da terra do índio", a seu ver condição imprescindível à sua própria sobrevivência.

— O índio sem sua terra se transforma num pária insatisfeito — disse Apoena. Quando fala em garantia de terra, porém, refiro-me à manutenção do seu "habitat" primitivo, isto é, a terra onde estão enterrados seus antepassados, onde ele firmou suas crenças.

E lembra também que o índio deveria participar das discussões sobre seu destino:

— Vejo e com pesar que o índio é o único a não participar desse debate. Ele parece mais um "objeto" quando começamos a discutir se deve permanecer dentro ou fora da reserva, se deve ser integrado ou não. Como já disse é ele quem deve decidir se vai se deixar ou não envolver pela nossa sociedade.